ARQUITETURA VERNÁCULA NA LAPINHA DA SERRA, BRASIL: MOTIVOS E PERSPECTIVAS DE SUA PRESERVAÇÃO

Mariana Maia Klimkievicz Moreira[1]; Marco Antônio Penido Rezende[2]

Departamento de Tecnologia em Arquitetura e Urbanismo, UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais; MG, Brasil,

[1]mari_klimki@hotmail.com; [2]marco.penido.rezende@hotmail.com

Palavras-chave: adobe, preservação do adobe, arquitetura vernácula, Lapinha, ecoturismo

Resumo

A arquitetura vernácula da Lapinha da Serra, Brasil, promove a paisagem antiga da vila e tem sido motivo de atração de turistas. Contudo, é expressivo o desafio de equilibrar seu acelerado crescimento urbano e a manutenção de suas tradições culturais e, por consequência, de sua paisagem cultural. Assim, esse artigo tem como objetivo levantar e analisar a utilização de sua principal técnica vernácula, o adobe, procurando identificar os motivos e possibilidades de sua preservação. A pesquisa estruturou-se em dois momentos, primeiro foi elaborado o levantamento de praticamente todas as edificações (652), identificando o material construtivo utilizado e o tipo arquitetônico. Já no segundo momento foram feitas entrevistas com os moradores buscando compreender as razões para as suas opções técnicas em relação às construções, e revisão bibliográfica. Verificou-se, pela primeira vez, maior objetividade em relação ao número de casas utilizando o adobe, evidenciando a descaracterização construtivo-tipológica na qual a vila passa. Os resultados das entrevistas indicam que o principal aspecto motivador para opção pelas construções em adobe é sua valorização estética. Adicionalmente há constante insatisfação com relação à sua manutenção, posto que grande parte das paredes apresentam anomalias patológicas consequência da adição do cimento. Finalmente, uma estratégia de revalorização do uso do adobe deve pensar em propostas que permitam a população local se apropriar melhor de técnicas construtivas que promovam uma proteção mais adequada das paredes.

1 INTRODUÇÃO

Inserida dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) Morro da Pedreira, Lapinha da Serra, município de Santana do Riacho, estado de Minas Gerais, Brasil, atrai turistas tanto pela grande relevância ambiental de seu entorno como pela ambiência da vila, promovida por sua arquitetura vernácula. Assim sendo, a técnica construtiva apreendida no período colonial, o adobe, tem papel fundamental no cenário econômico-social atual e vindouro de Lapinha. Segundo Gontijo (2003), o ecoturismo mostra-se como o viés econômico mais ambicionado pela vila, assim como para toda a região, por contemplar tanto os aspectos histórico-culturais como os ambientais.

Por outro lado, o grande crescimento urbano do qual Lapinha é palco, acarreta a alteração de sua realidade cotidiana, aflorando-se assim um processo de modificação tipológico-construtivo, e por consequência de sua paisagem cultural.

Essa pesquisa revela, por meio do levantamento e análises realizados, que, apesar da sensação de uma arquitetura vernácula muito presente ao flanar na vila, a descaracterização tipológico-construtivo está expressiva. Observou-se a perda parcial do domínio da técnica do adobe, que se expressa em anomalias patológicas na argamassa e no reboco, consequência da adição do cimento. Em vista disso, a menor qualidade das edificações potencializam a rejeição à técnica. Frisa-se a importância da manutenção do conhecimento da técnica do adobe a fim de uma Lapinha da Serra como destino de ecoturismo.

2 OBJETIVO

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo levantar e analisar a utilização do adobe em Lapinha da Serra, procurando identificar os motivos e perspectivas de sua preservação.

3 METODOLOGIA ADOTADA

O campo da arquitetura vernácula enquanto metodologia de pesquisa inclui técnicas e estratégias focadas em seus dois aspectos fundamentais: as construções em si e a população e cultura local. Em relação ao primeiro aspecto, foi elaborado o levantamento de praticamente todas as edificações da vila (652), identificando principalmente o material construtivo utilizado e a tipologia. Já no segundo, foram feitas entrevistas com os moradores, buscando compreender as razões de suas escolhas tecnológicas empregadas nas construções. A revisão bibliográfica esteve presente ao longo de todo o decorrer da pesquisa.

O levantamento em campo foi realizado em dois momentos: a região central da vila no final de 2017 e as áreas de expansão no início de 2018. Foram recolhidos os dados: endereço, registro fotográfico, usos, técnicas construtivas, sistemas estruturais, tempo de existência, forma e material da cobertura, e observações gerais, que teve papel significativo para flexibilidade do roteiro do contexto analisado. O dado “usos” subdividiu-se em “residencial”, “casa ou bangalô de aluguel”, “comercial”, “pousada”, “público” e “apoio”. Os dados foram digitalizados e tabulados através do programa Excel e estudados por meio de sua ferramenta “tabela dinâmica”, que permitiu diferentes agrupamentos, e suas diversas análises.

Referenciou-se espacialmente os dados das edificações levantadas por meio da base em arquivo *AutoCad* fornecidos pela Prefeitura de Santana do Riacho. A base consistia em malha viária e demarcação das edificações existentes e foi complementada por meio de imagem satélite Google 2017. O mapeamento dos dados expandiu o horizonte de análises.

Por o levantamento não se configurar necessariamente com a aplicação de entrevista, o dado "tempo de existência" foi aprimorado por meio de imagem satélite Google 2011, de forma que a informação tanto das edificações "recentes" (2011-2017) como das "em construção" (2018) tornou-se inequívoca. As de tempo "médio" (2000-2010) e "antigo" (anterior ao ano 2000) se tornaram, por consequência, ainda mais exatas.

Em relação à população local foram utilizadas três estratégias. Em primeiro lugar, ao longo da coleta de dados, em várias das edificações, os moradores expressaram suas motivações e desafios com as técnicas construtivas escolhidas. Embora levantados sem o rigor de uma amostragem estatística, estes dados permitiram uma primeira aproximação da realidade local. A partir do levantamento físico feito, e dessas primeiras entrevistas, elencou-se três habitações como modelo, por evidenciarem a história do lugar. Nestes casos foi feita uma segunda entrevista, mais prolongada e em tom de conversa e curiosidade a cerca das famílias e de suas residências. Já na terceira etapa, aplicaram-se entrevistas com adobeiros, construtores e moradores locais, aprofundando-se mais as questões de cunho tecnológico e histórico. Por certo as imersões nas visitas em campo propiciaram um contato mais próximo com a vila como um todo.

No decorrer do desenvolvimento do estudo a revisão bibliográfica esteve presente. Principalmente na contextualização histórica, livros e dissertações alinhavaram os depoimentos dos moradores da região e dados levantados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Contextualização e caracterização

A Serra do Espinhaço provoca a transição entre dois biomas: a umidade vinda do litoral é retida, promovendo o ambiente de mata atlântica na bacia do rio Doce, enquanto a vertente

oeste, em meio às rochas expostas, desenvolve-se o cerrado. Sua influência tange também a ocupação humana, de forma que a história da Lapinha, na base da Serra, na bacia do rio das Velhas, está atrelada à sua localização, como evidenciado na figura 1.

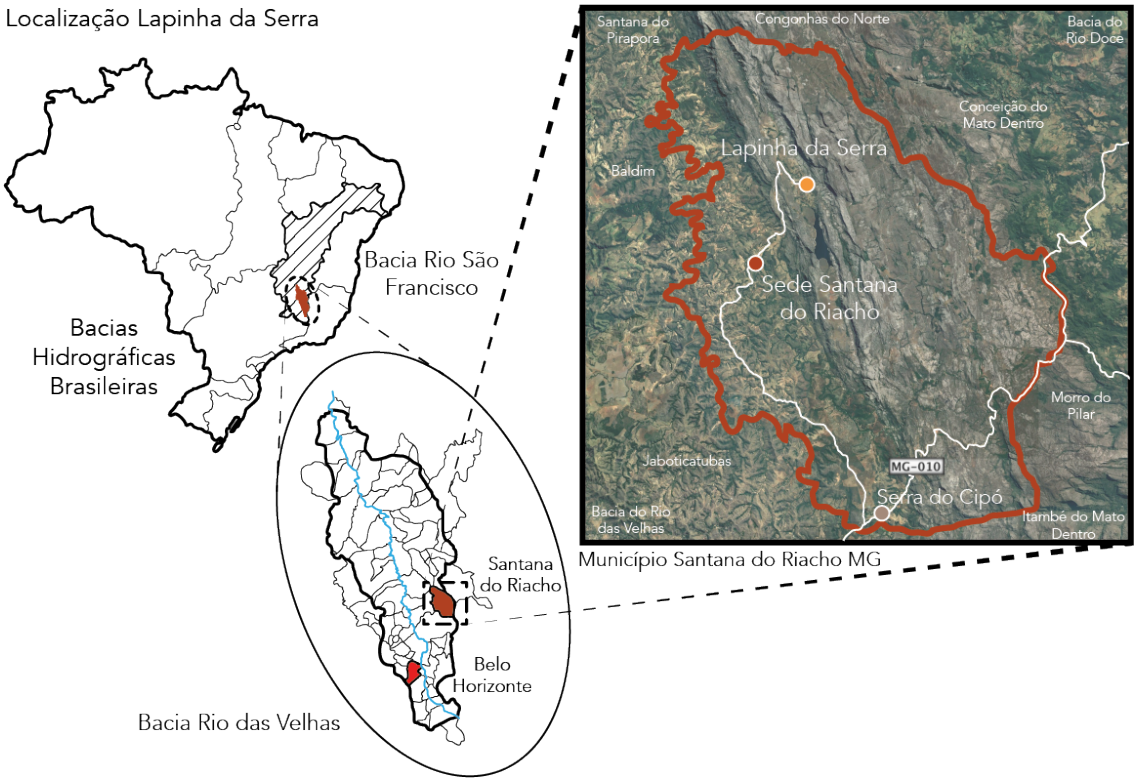
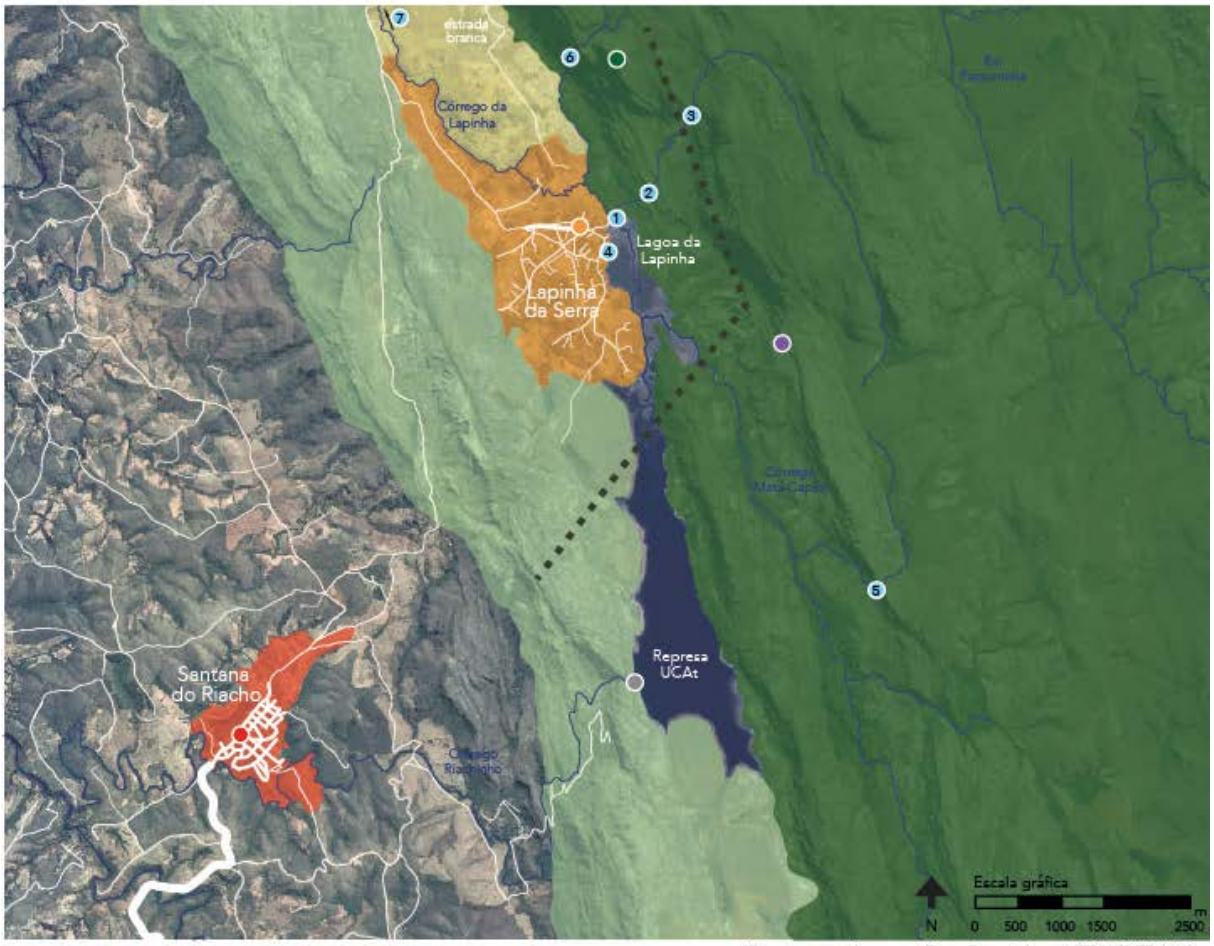


Figura 1. Mapa localização Lapinha da Serra, MG, Brasil

Conforme ilustrado na figura 2, a zona de influência direta da Lapinha está basicamente limitada por barreiras naturais, sendo elas: à nordeste o grande maciço do Breu, à leste a Lagoa da Lapinha, à sudeste a Represa da Usina, à sudoeste e oeste o patamar inferior da Serra do Cipó. À norte, se encontra a zona estruturada pela estrada branca, espaço futuramente propício ao crescimento da vila. Observa-se também a concentração de atrativos turísticos no conjunto serra-lagoa.

A ocupação humana na região onde hoje se encontra a vila em análise acontece há pelo menos 12 mil anos. O vestígio arqueológico humanóide mais antigo até hoje encontrado na América do Sul estava a cerca de 100 quilômetros de Santana do Riacho: o crânio de Luzia, uma mulher de traços negróides. Juntamente à seu povo, foram os ancestrais dos paleoíndios, cuja substituição coincidiu com a chamada transação lítica, no holoceno médio (Gontijo, 2003). Prous (2000) indica que há 3.000 anos antes do presente ocorreu a transição entre a tradição planalto pela tradição nordeste, evidenciando assim um processo migratório em direção ao interior do continente. Eles foram os ancestrais dos índios Botocudos, que vivenciaram em violento embate a chegada dos forasteiros europeus, desde o século XVII, na região da atual Santana do Riacho (Ottoni, 2008). Foi um processo ocasionado da continua interiorização dos pioneiros que atracaram no litoral, e das diversas tribos que eram expulsas por conflitos tanto com europeus como com outras tribos, em aliança ou não com os forasteiros.



Fonte: acervo da autora Base: Google Image 2018 CNES / Airbus

Legenda

- Drenagem
- Via asfaltada
- Vias calçadas com paralelepípedo
- Vias não pavimentadas
- Vias não pavimentadas uso local
- Campo de visão foto diagrama
- Zona de alagamento represa / lagoa
- Zona de influência direta de Santana do Riacho
- Zona de influência direta de Lapinha da Serra
- Lapinha de cima
- Maciço do Breu
- Patamar inferior da serra
- Núcleo Urbano Santana do Riacho
- Núcleo Urbano Lapinha da Serra
- Pico da Lapinha / Pico do Turista / Pico do Breu
- Barragem Usina Coronel Américo teixeira
- Uso aquático recreativo
- 1 Lagoa acesso pela ponte
- 2 Poço Verde, Cachoeira Boqueirão e Cachoeira Rapel
- 3 Cachoeira Paraíso (proibido banhar-se)
- 4 Prainha
- 5 Cachoeira Lajeado
- 6 Cachoeira Virgulino (proibido banhar-se)
- 7 Cachoeira Bicame
- Cruzeiro

Figura 2. Mapa de caracterização do entorno próximo à Lapinha

Desde o século XVIII, as viagens de Ouro Preto à Diamantina proporcionaram a tônica da história colonial nas terras hoje pertencentes à Minas Gerais. Em 1734, a Lapinha já estava representada nos mapas confeccionados pelos matemáticos Diogo Soares e Domingos Capassi (Gontijo, 2003). Dentre os três trajetos principais, o “Caminho de dentro pelas Macaúbas” passava por Santa Luzia, Macaúbas, Jaboticatubas, Três Barras, Joanna, Rótulo, Rio do Cipó, Rio Parauna, Riacho Fundo (Santana do Riacho), Lapa (Lapinha), Meio da Serra, Congonhas, Gouveia e Tijuco (Diamantina), assim como descrito no mapa de Soares e Capassi. Em 1821, a Lapinha foi mapeada pela primeira vez como "Fazenda da Lapa", pelo naturalista Barão Wilhelm Ludwig von Eschwege (Gontijo, 2003).

A vila é relatada como bastante modesta e despretensiosa pelo naturalista Langsdorff em 1825: “uma cabana muito pobre com rancho no meio da densa capoeira. Nem com todo dinheiro do mundo se acharia aqui alguma coisa para comprar” (Langsdorff, apud Goulart, 2009). Lapinha e Santana do Riacho pertenciam à família Moreira. Seus moradores levavam uma vida simples e vagarosa, permeada de adversidades. Viviam da pecuária, agricultura, e produziam seus subprodutos, como o queijo.

Os diversos acessos que ligam Lapinha às outras localidades próximas foram de extrema importância nas dinâmicas de troca da região até quase os anos 2000, como apontam os relatos dos moradores. A carga, desde o século XVII, era transportada em balaios carregados por burros. A tradição dos cargueiros foi readaptada para o turismo, tornando-se hoje a maneira mais fácil para os turistas trilharem a travessia de Lapinha à Tabuleiro, uma das trilhas mais percorridas em Minas Gerais.

Com intuito de implantação da Usina Coronel Américo Teixeira (UCAT), foi confeccionado em 1949 a “planta topográfica total da bacia de armazenamento”, no qual foram demarcadas 26 construções em Lapinha. Na figura 2 está ilustrada tanto a lagoa como a localização da barragem do empreendimento. A cota altimétrica do represamento foi estabelecida a fim de conservar a casa na cota mais baixa, residência hoje ainda funcional da Dona Socorro. As obras trouxeram muitos homens em busca de serviço, o assunto da pacata Lapinha girava em torno da UCAT (Gontijo, 2003).

A primeira estrada de acesso à Lapinha foi feita apenas na década de 60, pela companhia inglesa que explorava diamante no Soberbo, cachoeira locada há um dia de caminhada da Lapinha (Gontijo, 2003). Em 1988, a energia elétrica chegou na vila (Lopes, 2009). Nos anos 90 as dinâmicas urbanas da capital Belo Horizonte começaram a chegar na Lapinha, impulsionada pela pavimentação asfáltica da MG-10, que ligou a capital até o pé da serra, na atual Serra do Cipó, há 40 quilômetros da Lapinha, na época por estrada de terra. Assim, até os anos 90 muito pouco do cotidiano da vila conhecida pelos naturalistas que ali passaram tinha se alterado (Gontijo, 2003). Foi dessa forma que o turismo se iniciou, em um processo que a cada dia mais intenso, promovendo expressivas mudanças.

Em 1949 havia 26 edificações em Lapinha da Serra, segundo a planta topográfica total da bacia de armazenamento, (Gontijo, 2003). O levantamento realizado para a atual pesquisa, evidencia que até a virada do milênio constavam 90 edificações na vila, assim sendo, em 50 anos, um aumento aproximado de 64 unidades. Atualmente as construções realizadas até este período representam 14% do total edificado. Entre 2000 e 2010 observa-se o crescimento mais que dobrado, constando 264 edificações construídas, representando, neste intervalo, 41% do total atualmente existente. Esse processo se torna ainda mais expressivo depois de 2010, afinal 45% das edificações hoje presentes na vila foram construídas depois da primeira década do século XXI, sendo 9% ainda em construção. Os dados levantados quando referenciados espacialmente revelam que 35% das edificações construídas após 2010, incluindo as ainda em construção, estão locadas em vias fora do perímetro central, evidenciando o caráter de espraiamento do crescimento urbano de Lapinha.

Em uma amostragem de 73% do total edificado, 28% são exclusivamente casas ou bangalôs de aluguel, 8% pousadas, 7% comercial, totalizando 43% direcionado sobretudo à dinâmica turística, como aponta o levantamento realizado. Dos 51% identificados como uso

residencial, faz-se necessário ressaltar que grande parte desses edifícios são também alugados para turistas, como identificado nas visitas de campos e entrevistas com moradores e agentes locais. Com uso público totaliza-se 1%, edifícios em ruína também 1% e 4% das construções, com porte significativamente menor, são utilizadas como apoio aos edifícios principais.

Os dados processados expressam com notoriedade o já evidente caráter turístico de Lapinha da Serra. O crescimento urbano contínuo e expressivo da vila, apesar de já reconhecido por aqueles que acompanham o seu desenvolver, foi pela primeira vez neste estudo evidenciado com maior objetividade em relação ao ambiente construído. Se por um lado Lapinha é palco de uma ocupação charmosa caracterizada como vila, seu porte está em processo de transição avançado. Por conseguinte, hoje a vegetação urbana e seu espraiamento favorecem sua estética vernácula, contudo tendo em vista sua acelerada expansão, é tênue o limite de transformação da paisagem lapinhense.

4.2 A arquitetura vernácula

Foram escolhidos como objetos arquitetônicos modelos para ilustração do vernáculo na Lapinha três edificações, duas delas na vila, ambas da Senhora Maria do Socorro (Dona Socorro), e uma no alto da Serra no percurso da travessia Lapinha – Tabuleiro, da Senhora Dana Maria e seu marido Senhor Zé Dolinta.

Figura 3. Fachada frontal da primeira edificação modelo da Dona Socorro

O primeiro objeto arquitetônico modelo é da Dona Socorro, que residiu por muitos anos na edificação. Ilustrada na figura 3, foi referência de cota altimétrica (1.107m) para o represamento da UCAT em 1949. Hoje a casa tem seus quartos alugados para turistas em uma relação intimista. Sua residência atual situa-se ao lado da antiga. O objeto em análise, quando edificado, era composto por um vão apenas, que com o tempo foi dividido em quatro cômodos. Seguidamente, passou por expansões, todavia conserva sua estética original. Edificada em adobe, resguarda suas paredes revestidas com argamassa de terra e pintura branca convencional, em sua maioria. A senhora Maria do Socorro conta que optou em retirar o reboco de algumas paredes de adobe pela preferência estética da técnica aparente. Completou-se também até o teto a vedação interna, mantendo o adobe sem reboco. As paredes são em sua maioria autoportantes, todavia há alguns pilares de madeira, tanto junto às paredes externas como internos separado das divisórias. Ainda na figura 3, observa-se que a edificação tem um pavimento e cobertura de quatro águas, ainda com telhas

cerâmicas antigas. As janelas, portas e marcos são em madeira pintadas a óleo sintético convencional, na cor azul.

A Dona Socorro, como é conhecida, também é proprietária de outra das mais antigas edificações da vila. Hoje está alugada a um casal que utiliza seu pavimento único como comércio de massas congeladas e lembranças de viagem, como se pode observar na figura 4. Sob base de pedra, é toda edificada em adobe autoportante, e mantém suas paredes rebocadas com terra e finalizadas com tinta branca convencional. A cobertura tem duas águas e suas telhas cerâmicas foram recentemente trocadas. Os marcos, portas e janelas são de madeira, sendo os dois últimos protegidos com tinta convencional azul. A técnica empregada a fim da otimização do lançamento das águas de chuva para longe das paredes externas pode ainda ser observada: constrói-se o final do beiral menos inclinado que o restante da cobertura, de forma que a água ganha velocidade ao longo da cobertura e é projetada em ângulo menos inclinado, de forma a vencer maior distância em relação à vedação. Vale ressaltar a importância dessa técnica em um clima tropical com alto índice pluviométrico, principalmente quando se adotam paredes de adobe.

Figura 4. Fachada frontal da segunda edificação modelo da Dona Socorro (crédito: M. K. Moreira)

O terceiro objeto arquitetônico vernáculo elencado como modelo é uma residência em ambiente ainda mais adverso, a um dia de caminhada de Lapinha da Serra, em um dos pontos de apoio da travessia à Tabuleiro, cerca de 1.300 metros de altitude, na bacia do Rio Doce, no município de Conceição do Mato Dentro, Minas Gerais. Foi construída por volta de 1965, com um pavimento, base de pedra, coroamento do alicerce de madeira, sistema estrutural de madeira e paredes de adobe revestido com reboco de terra e esterco, originalmente pintada com cal, hoje tinta convencional branca (figura 5). O senhor Zé Dolinta conta que o solo coletado para a fabricação dos adobes não é tão bom como o encontrado em Lapinha e Tabuleiro. A constante manutenção nas paredes externas de adobe impulsionou a sua troca por blocos cerâmicos maciços, chamados de tijolinho, feitos e queimados localmente pelos moradores. A cobertura tem quatro águas, estrutura interna de madeira, telha cerâmica, mas não original, e, internamente, forro de esteira produzido localmente até hoje. O assoalho, os marcos, as portas e as janelas permanecem originais feitos com a madeira Canela Rosa, coletada e trabalhada localmente. O senhor Zé Dolinta frisa que as pranchas foram abertas em uma serra manual de 1,8 metros, na qual cada homem ficava em uma das extremidades, um na altura do forro e o outro no chão. Vale ressaltar que a estrada de acesso foi aberta para a passagem veicular apenas em 2007, por necessidade da CEMIG. Antes a comunicação mais fácil era por meio de um antigo telefone,

que era carregado em Tabuleiro cuja a bateria durava cerca de oito dias. Todo material foi transportado em balaios por burros. A atual cozinha foi a primeira expansão da casa, aproximadamente em 1983, com chão de terra batida, originalmente, e hoje com grandes pedras rejuntadas com cimento. No primeiro momento, os alimentos eram preparados em uma fogueira dentro do cômodo; posteriormente, no primeiro fogão à lenha, mas não havia abertura próxima ao chão, como é atualmente. Na segunda expansão acresceu-se o banheiro e área de trabalho semi aberta, ambos ao lado da primeira expansão.

Figura 5. Fachada frontal da segunda edificação modelo Senhora Dana Maria e seu marido Senhor Zé Dolinta (crédito: L. Padoan)

4.3 A paisagem da vila

É consenso o aspecto bucólico e aldeão ao flanar pelas vias orgânicas de Lapinha; as mais de 652 edificações identificadas no mapeamento são o primeiro passo na mudança da perceptiva desse caminhar.

Como observado nos modelos vernáculos, a antiga vila continha apenas edificações com um pavimento. Quando uma primeira reforma acrescentou o segundo pavimento em uma das construções existentes, na praça ao lado da igreja, na praça ao lado da igreja com o ponto focal da Serra atrás, houve uma transformação na paisagem do centro, ainda que muito localizada, conforme apontado nos relatos de diferentes agentes locais. Em uma amostragem de 87% do total de edificações levantadas, 29% têm dois pavimentos. Apesar da verticalização ainda não ser demasiadamente expressiva na Lapinha, muitas de suas edificações, seja com um ou dois pavimentos, possuem pé direito elevado, sendo que parte delas têm ainda a caixa d'água acima, de forma que, o volume construído na vila é também maximizado pelo gabarito.

As coberturas são elementos de destaque na ambiência da vila tanto na escala do observador para o objeto arquitetônico, como na escala do conjunto, da paisagem ampla da vila. Por estar situada ao longo de morros, as coberturas são vistas de dentro da vila como

também em mirantes espalhados por todo seu entorno. vale ressaltar que por sua expansão ter ocorrido de forma espraiada, a tendência é o adensamento desses espaços menos adensados de forma que o conjunto edificado seja vistos de mais pontos, aumentando a relevância do cuidado com as coberturas. Como exposto acima, as telhas cerâmicas se consolidaram como tecnologia mais expressiva, principalmente depois da década de 70, com a substituição das coberturas de sapé. Considerando uma amostragem de 67% do total de edificações da vila, 93% empregam a telha cerâmica, e ainda que sejam nitidamente recentes, colaboram significativamente com a manutenção do padrão vernáculo local. Acerca do caimento dessas coberturas, na Lapinha, até o século XX, quando os processos de transformação da paisagem ainda não se mostravam expressivos, somam-se 66% com duas águas, 6% com três e 12% com quatro, apontando certa diversidade na escolha da forma das coberturas. Hoje, em uma amostragem de 69% do total edificado na Lapinha, o levantamento aponta um taxa muito semelhante - 85% dos telhados têm quatro, três ou duas águas.

Desde sua implantação até hoje, a Lapinha é formada por um conjunto de vias abertas em função de sua topografia e sua demanda. Assim, a organicidade do traçado viário, como pode ser observado na figura 4, contribui com a manutenção da ambiência da Lapinha historicamente resguardada, abundante em simplicidade.

A vegetação presente nos lotes particulares e ao longo do sistema viário se mostra considerável, estando presente em toda a vila consideravelmente densa. A massa verde urbana lapinhense é outro fator que contribui para a manutenção da ambiência lapinhense.

O processo de descaracterização da arquitetura vernácula ainda presente na vila se dá em um arranjo complexo, uma vez que é influenciado por diversos fatores, como os abordados nesta pesquisa da mesma maneira que tantos outros.

O turismo na Lapinha da Serra é atualmente o principal recurso econômico de seus moradores, graças às belezas e relevância ambiental de seu entorno e sua paisagem cultural. Assim, se faz necessário que esta atividade não seja auto-destrutiva, mas que reconheça e respeite seus patrimônios, materiais e imateriais. Desenvolver o segmento do turismo que não seja quantitativo e que se superponha ao sistema já existente, coerente às particularidade e fragilidades do território se faz extremamente estratégico, essencial (Montaner, Muxí, 2014).

4.4 O adobe

Muitas cidades coloniais passaram pelo processo de retirada do reboco de suas vedações, por cativar a simpatia daqueles que, como turistas, as iam conhecer (Rezende, 2018). Essa transformação é também evidente na Lapinha da Serra, e tem como consequência, assim como relatado pelos lapinhenses, a maior dificuldade de manutenção das paredes, tanto no lado externo, pelo desgaste com as intempéries, quanto com a limpeza interna das edificações (Moreira, 2018). Neste processo, na Lapinha, a necessidade de mais manutenção do adobe maximizou a descredibilidade à técnica. As mudanças no cotidiano da vila relacionam-se com sua transformação cultural, incidindo na alteração parcial de tradições e do domínio da técnica. Como efeito, a fim minimizar os desafios da técnica, atualmente há a produção de paredes e muros em alvenaria convencional que imitam adobe.

O levantamento realizado para essa pesquisa evidencia que em uma amostragem de 71% do total da vila, 70% das edificações não emprega adobe, sendo em 2% dos casos utiliza-se do recurso de imitação do adobe.

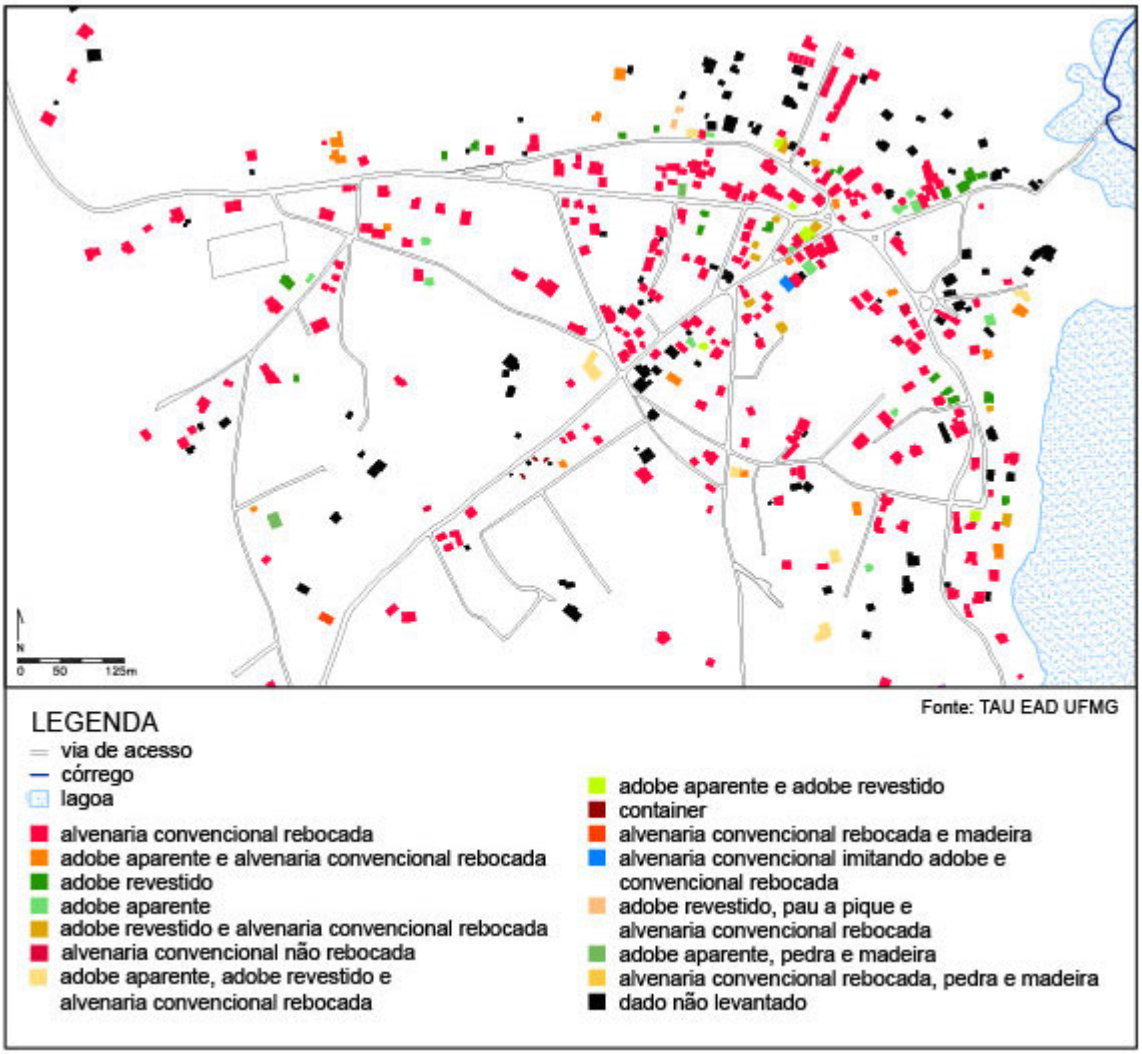


Figura 6. Mapa empregos do adobe mas edificações da Lapinha

Na figura 6, o mapa contendo a relação entre as técnicas de vedação empreendidas nas edificações lapinhenses; observa-se o predomínio das convencionais em relação às tradicionais. O baixo uso das vedações em adobe torna-se evidente ao se setorizar e analisar os 32% que de alguma forma empreendem a estética “vernácula”, sendo 30% que de alguma forma emprega adobe e 2% que o imita utilizando alvenaria convencional rebocada, considerando uma amostragem de 71% do total de edificações na vila. Ainda sobre a amostragem realizada (71%), apenas 11% empregam adobe em toda a construção, praticamente um terço do total que emprega a técnica de alguma maneira. Vale ressaltar que em algumas dessas edificações o reboco utilizado contém cimento na massa, gerando anomalias patológicas ocasionadas pela não agregação da massa feita com as paredes de terra, (Minke, 2000; Houben; Guillaud, 1989). Os muros que empregam adobe ou imitam adobe, cujas edificações em si não empregam adobe, representam 8% dessa amostragem, quase um terço dos casos. Os 13% restantes são os casos que apresentam as técnicas vernáculas e as convencionais, ou que imitam adobe utilizando-se das técnicas convencionais, sendo que nesses casos observa-se que o adobe é empreendido apenas em um detalhe ou parede frontal.

Vale ressaltar que entre os diferentes usos o comercial é o que mais empreende em suas edificações o adobe, totalizando 37% no âmbito da amostragem que abrange 71% das construções da vila.

No que tange ao sistema estrutural, observou-se nos modelos arquitetônicos que a alvenaria autoportante foi o principal modelo utilizado, ainda que os pilares de madeira também eram empregados, principalmente quando o adobe não alcançava o desempenho almejado ou

construíam em taipa de enchimento. O levantamento aponta que em uma amostragem de 65% do total da vila, até o ano 2000 52,6% das edificações eram construídas com alvenaria autoportante, 28,2% com estrutura de concreto e 9% com estrutura exclusivamente de madeira. Essas três sistemas estruturais continuam até hoje sendo os mais empregados. Entre 2000 e 2018 percebe-se a inversão entre o sistema autoportante e de pilares de concreto, com média entre 2000 e 2010 e 2010 e 2018, sendo 31,2% e 44,7%, respectivamente. Quanto ao sistema de pilares de madeira, constata-se a adoção em 18,9% entre 2000 e 2010 e 12,2% entre 2010 e 2018. A respeito das edificações em construção, a distância entre os dois sistemas aumenta, sendo 23,5% empregando sistema autoportante e 52,9 com os pilares de concreto, e 9,8% adotando os pilares de madeira. A troca do sistema autoportante pelo pilar de concreto é pouco expressiva quando comparada ao aceite da alvenaria convencional na vila. Acreditando-se que tal expressão é fruto da tradição construtiva local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo em Lapinha da Serra é hoje principal recurso econômico de seus moradores graças às belezas e relevância ambiental de seu entorno e o charme que paira na vila, resultante de sua estética vernácula expressa principalmente em seus edifícios. Contudo os dados levantados nesse trabalho evidenciam o estágio avançado em que a descaracterização tipológico-construtiva se encontra.

Afim de um turismo que se sustente, ou ecoturismo, o qual reconheça e respeite seu patrimônio, material e imaterial, é necessária uma cultura local forte, que prevaleça frente às pressões massificadoras do mercado, que extrai dos moradores de Lapinha o que os unifica, abarcando as primeiras famílias que ali ainda residem e aquelas que há quase 20 anos são considerados de fora.

Assim, são necessárias políticas de incentivo e ações que diminuam as transformações tipológico-construtivas e consequente descaracterização da paisagem lapinhense. Faz-se urgente a revalorização do uso do adobe, e para tal é intrínseco pensar propostas que permitam a população local apropriar-se de técnicas construtivas que promovam uma proteção mais adequada das paredes, pois parte da não opção pela construção com adobe deve-se às anomalias patológicas ligadas à argamassa e ao reboco. É necessária uma cultura local forte, que prevaleça frente às pressões igualizantes da cultura hegemônica. A atuação do poder público municipal e dos órgãos competentes que têm a autoridade de legislar, fiscalizar e incentivar ações são também fundamentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Gontijo, B. M. (2003). A ilusão do ecoturismo na Serra do Cipó / MG: O caso de Lapinha. Tese para doutorado em Desenvolvimento Sustentável. Brasília: Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília (CDS/UnB)

Goulart, E. M. A. (2009). O Caminho dos Currais do Rio das Velhas: a estrada real do sertão. Editora Coopmed.

Houben, H.; Guillaud, H. (1989). Earth constructions. Editora: Pareathese.

Moreira Klimkievicz, M. M. K. (2018). Arquitetura vernácula na Lapinha da Serra, MG: manutenção, descontinuidade e transformação da tradição construtiva. Pré Trabalho de Conclusão de Curso. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Lopes, C. G. F. (2009). Diferença e conflito: uma perspectiva teórica para análise do fenômeno do turismo a partir das transformações do/no modo de vida dos lapinhenses. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Minke, G. (2000). Earth construction hanbook: the building material earth in modern architecture. WIT Press.

Montaner, M. J.; Muxí, Z. (2014). Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos. São Paulo: Gustavo Gili.

Ottoni, C. (2008). Serra do Cipó: sempre viva. Pedro Leopoldo. Gráfica Editora Tavares.

Prous, A. (2000). As primeiras populações do Estado de Minas Gerais. In: Tenório, M. C. (Org.). Pré-história da Terra Brasilis. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Rezende, M. A. P. (2018). O desafio das mudanças e transformações na arquitetura e tecnologia vernáculas: estudos de caso na região Sudoeste do Brasil. In: Froner, Y. A (Org.). Patrimônio Cultural e Sustentabilidade: ação integrada entre Brasil e Moçambique. Belo Horizonte. p. 91-112

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos moradores de Lapinha da Serra e do alto da Serra que abriram além de suas casa, suas histórias de vida.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq pelo financiamento da pesquisa.

Agradeço também à Prefeitura de Santana do Riacho que disponibilizou a base para os mapas.

AUTORES

Mariana Maia Klimkievicz Moreira, graduanda em Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal de Minas Gerais). É bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq desenvolvendo pesquisa na área de arquitetura vernácula na Lapinha da Serra, Minas Gerais. Tem experiência em permacultura e bio-arquitetura, por meio de cursos e vivências. Currículo completo em http://lattes.cnpq.br/4400880991846658

Marco Antônio Penido Rezende, pós-doutor pelo Programa Preservação Histórica (Universidade de Oregon, EUA, 2010), doutor em Construção Civil (Politécnica/USP, 2003) e mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFMG, 1998). Professor Associado da Escola de Arquitetura da UFMG, atuando no programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável e nos cursos de especialização em Sistemas Tecnológicos e Sustentabilidade Aplicados ao Ambiente Construído e Revitalização Urbana e Arquitetônica. É membro da Association of Preservation Technology International, da Associação Nacional da Tecnologia do Ambiente Construído (diretor 2004-2006), da Rede Ibero Americana Proterra e da Rede TerraBrasil (coordenador 2015-2017). Possui várias publicações na área, principalmente no campo de estudo de arquitetura vernácula. Currículo completo em http://lattes.cnpq.br/8413549938151614